



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Caminhos no/para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em espaços escolares

Sinop, v. 8, n. 2 (22. ed.), p. 734-748, ago./dez. 2017

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Elenilde Nascimento Santos

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

Este artigo apresenta resultados da pesquisa realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Sinop / Mato Grosso. Teve como objetivo verificar a contribuição que as narrativas orais trazem como suporte para a prática pedagógica com crianças de 5 e 6 anos a partir dos olhares das duas professoras e das crianças participantes dessa pesquisa. Foi utilizado o estudo da história oral, coleta de dados, observação e entrevistas. Dentro os teóricos destacam-se: Cléo Busatto, Beth Coelho, Edvânia Braz Teixeira Rodrigues.

Palavras-chave: Educação Infantil. Contação de História. Prática Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

Os fatores para a concretização da pesquisa, focada na Contação de Histórias, partiram das inquietações a respeito da importância de repensar as práticas pedagógicas na Educação Infantil, procurando assim, verificar a utilização da contação de história, como prática importante no desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Durante o texto, procuramos enfatizar a possibilidade pelo contar lúdico de conhecer-se, explorar lugares conhecer novos ambientes pelo viés da literatura oral e principalmente compreender e ensinar.

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, sob a orientação da Dra. Rosane Salete Freytag, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2017/1.

A pesquisa busca também, sensibilizar os educadores e profissionais da educação para o uso das narrativas que estimulam a curiosidade e o imaginário de quem houve, permitindo uma interação entre os participantes.

2 MOTIVAÇÕES E MEIOS UTILIZADOS PARA A PESQUISA

A proposição da pesquisa surgiu do contato no dia a dia na sala de aula, na escola e nas vivências no Projeto de Iniciação à Docência (PIBID). Éramos um grupo de contadores de história em uma escola municipal de Sinop, e partiu dessas vivências as questões relacionadas a questões chave desta pesquisa. A escola na qual fazíamos parte desse grupo de contadores de história é de Ensino Fundamental, porém decidi pesquisar em uma escola de Educação Infantil para entender como funciona essa inserção da contação de histórias nos primeiros anos em que a criança é inserida na comunidade escolar. Por ser moradora da localidade onde se encontra a Escola pesquisada, nos deparamos com a curiosidade de melhor compreender qual importância o contar histórias tem com as crianças daquele espaço infantil, para seu desenvolvimento, visto as especificidades do bairro, e por acreditar nessa temática como grande contribuinte para o aprendizado e desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

Buscamos leituras que indicaram os caminhos da contação de história como meio de desenvolver a criatividade, a oralidade, a imaginação o gosto pela leitura, uma vez que se tem como prática ler para alguém, por saber também que a história estimula a imaginação da criança e todas as possibilidades que podem ser oferecidas desde a infância, decidiu-se verificar o espaço escolar como um dos incentivadores dessas vivências do saber ouvir narrativas e recontar as narrativas. O propósito da pesquisa teve como objetivo analisar o desenvolvimento das crianças a partir da contação de histórias na prática pedagógica, a pesquisa ocorreu em uma sala de Educação Infantil pré III, sendo investigada pela vertente do método da história oral, que é uma forma de coletar relatos sobre vivências de pessoas numa determinada comunidade.

4 OLHARES SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA EMEI CAMPING CLUB

A professora titular da classe é recém-formada, colou grau em 2015, é pós-graduada em alfabetização, nos relata da sua falta de prática com a didática da contação de história. Durante a pesquisa ressaltou que começou a depositar um olhar as narrativas orais, após o estágio de duas acadêmicas do Curso de Pedagogia da Unemat/Sinop em sua sala, partindo daí ela começou a valorizar as sequências didáticas que um conto possibilita fazer, e colocar em prática.

A insegurança descrita pela docente, parte da falta de aptidões e técnicas para aplicar a contação de história, dos recursos a usar na hora do conto, e dos materiais que auxiliam para uma melhor compreensão uma vez que se trata de interpretação e associação de conteúdo e imagem, juntamente com a intensão da professora. Falou que falta jeito, para criar cenário, desenvolver ambientes acolhedores que anuncie os momentos da narração, mas que, começou a ver a contação de história com outros olhos e valorizá-la mais enquanto proposta para melhor aprendizado.

Os momentos de observação oportunizara conhecer mais sobre o trabalho das professoras que são designadas a trabalharem juntas, e já estão nessa parceria há quase dois anos, importante ressaltar que quando a professora auxiliar começou a trabalhar na Educação Infantil, era estudante do Ensino Médio, hoje ela está cursando Pedagogia a distância em um dos campos universitários à distancia Unopar (EAD) de Sinop.

Escolhemos essa escola, devido estar inserida na comunidade na qual sempre moramos, e como ser integrante desta comunidade, estudante de Pedagogia e defensora da prática a qual pesquisamos. Resolvemos então realizar esta pesquisa nesta escola, logo após conversarmos com a direção e coordenação, das quais tivemos autorização para desenvolver a pesquisa. A equipe escolar ficou feliz, devido à ênfase dada para a escola a respeito do tema, as mesmas nos autorizaram a citar o nome da instituição, pois por meio de uma pesquisa e a constatação de suas deficiências, podemos juntas buscar uma solução para tal problema, ou a complementação para que haja uma formação complementar a respeito da contação de histórias que é o assunto em questão.

Elegemos então a turma de pré III para a realização da pesquisa cujo o foco era a contação de história como ferramenta pedagógica. A EMEI dispõe de um

acervo de livros variados, disponível para uso das crianças, e foram adquiridos com recursos da escola e doações por meio do público que compõem a comunidade e instituições filantrópicas. Os trabalhos com a leitura na EMEI, são diversificados, a escola dispõe de recursos diversos para a leitura de obras literárias, dentre eles, fantoches, que podem ser utilizados para contar histórias, além de outros objetos locais; como um espaço da leitura no refeitório para que as crianças tenham acesso aos livros, desde sua chegada na ambiência escolar.

Na sala observamos que o meio de intermédio desses momentos da contação de história, é através da acolhida. A professora organiza os cantinhos alguns com brinquedos, e outros com livros para as crianças. Na hora do conto as crianças ficam dispostas em forma de roda de conversa. A professora conta a história, e depois desse momento, ela oportuniza o a contar um conto, muitas vezes não se sentem atraídas pelos livros ou pelas ilustrações, mas viram algo que gostariam de compartilhar com as demais crianças, relatar vivência que tiveram em família.

Percebeu-se também que por mais que a professora tivesse o cuidado em organizar os cantinhos que poderiam ser usados para os momentos da contação de histórias, essas aconteciam sempre em forma de roda de conversa. Eram distribuídos livros no tapete que é um tatame, e nas mesas que compõem a mobília da sala de aula, as crianças ficavam à vontade para folheá-los, mas, nem sempre paravam para ouvir as histórias que as professoras contavam para elas.

Questionamos as professoras sobre o trabalho desenvolvido por elas com a contação de histórias. Designamos a nomenclatura para identificá-las como Professora Frida (titular da sala) e Roberta, (professora em formação). Na primeira pergunta, questionamos sobre:

Qual o papel da contação de história usada nas práticas pedagógicas?

(01) Professora Frida: A leitura em si é muito importante, a história seduz a criança e desperta o interesse para a história, para a leitura, aprendizagem tudo mais, a contação de história entra como um ponto positivo no aprendizado das crianças.

Conforme a fala da professora Frida, há grandes possibilidades de o aprendizado partir da contação de histórias. São narrativas orais relatadas aos

alunos. A professora relata um conto que acontece pelo viés da contação, com a finalidade de trabalhar a oralidade, a leitura literária sob a ótica de contribuir na formação de leitores fluentes. “O texto literário não somente é uma metáfora do real, por isso transgride, rompe, revela, multiplica e (re) significa” (CAVALCANTE, 2002, p,37). Ou seja, o texto literário não tem a função pedagógica, mas apresenta uma outra roupagem de apreciar o mundo, pautada na arte, nas figuras de linguagem, uma leitura sofisticada, capaz de informar e reinventar a palavra e porquê não, o universo do saber. Quando questionada sobre a primeira pergunta a professora

(02) Professora Roberta: Por que contar histórias? Adquirir o gosto pela leitura, aprender a ouvir, as histórias ensinam vocabulário, a linguagem, promovem a sensibilidade e a amizade. Talvez a maior dificuldade do contador de história, no caso o professor seja ignorar as peraltices das crianças, todo o grupo é convidado a ouvir, mas nem todos tem interesse, por essa razão devemos organizar um cantinho da leitura, para que ela venha a participar quando estiver preparado e disposto a ouvir. É fazer com que a criança interaja com o livro e com o professor, e criar a imaginação dela no conto do professor.

A fala da professora Roberta nos leva a pensar, na importância de preparar o espaço para a contação de história, dar uma atenção antecipada para esse momento único e mágico. Devemos observar o ambiente para a contação, deve ser calmo, sem a circulação de pessoas, ruídos, enfim nada que desconecte os alunos do momento da leitura literária. A criança é o centro das atenções no momento. A história somente terá sucesso, quando os envolvidos conseguem adentrar no mundo mágico da literatura contada.

O literário não se fecha em si. É a sua abertura para o mundo que lhe dá a dimensão do plural e a maneira como isso é organizado através da língua faz parte do sentido da obra, da visão de mundo do autor, como também do que isso pode causar ao leitor” (CAVALCANTE, 2002, p,42-43).

Relata também a dispersão de algumas crianças no momento da contação. O contador de histórias precisa ter uma formação para desenvolver seu trabalho com sucesso. As crianças precisam ser envolvidas nas narrativas. A entonação de voz do

contador, sua postura, são elementos essenciais para recepção do texto literário. Afinal só viajamos pelas dimensões imaginárias quando nos sentimos inseridos dentro da história. Quando realizamos a pergunta de número dois: **Com que frequência você aplica esse método com sua turma?** A professora Frida respondeu;

(03) Professora Frida: Muito pouco, preciso desenvolver mais, como contação de história, mesmo é meio que novo pra mim, estou em busca ainda, mas ainda não utilizo dessa ferramenta como deveria devido a importância dela eu não a utilizo com frequência. Entre a contação de história e a leitura, trabalho mais com leitura, mas sou ciente da importância e estou procurando desenvolver cada vez mais na sala.

Conforme a professora Frida se coloca, reconhecendo o papel e as contribuições que esta prática tem, ela não se sente segura, quanto aplicar a contação de história nas suas práticas pedagógicas, preferindo ler a obra em si. Isso implicaria na necessidade de uma qualificação complementar, visto a contação de histórias merecer recursos próprios, a fim de encontrar afinidades com os contos. Na verdade, o professor necessita ter uma relação com as obras literárias e conhecê-las para obter sucesso no seu trabalho.

Sabemos que não existem meios para conduzirmos alguém por um caminho sem passarmos juntos por ele e com ele, e esse mundo fictício ao qual os contos nos permite adentrarmos é como se fosse um rio onde o mergulho é coletivo. O contador de histórias desenvolve uma parceria entre ele com a obras e os leitores da escola.

A melhor técnica para narrar histórias de maneira sedutora, prazerosa e envolvente para crianças é, em primeiro lugar, ser um contador absolutamente apaixonado pelo mundo do “faz de conta” estar envolvido afetivamente com a narrativa é ponto fundamental. A história tem que ser narrada com paixão, sentimento, entrega partilha (CAVALCANTE, 2002, p. 72).

Dessa forma, é possível percebermos que, os contos nos dão asas para voar na imaginação, coragem para trilharmos caminhos diferentes. Só precisamos de alguém que conheça o caminho que nos conduza até o ponto de partida e que

acima de tudo se disponha a ir conosco, também tenha curiosidades de conhecer o novo escondido nas teias do nosso imaginário. Segundo a professora Roberta, este método se aplica diariamente, podemos observar na sua resposta.

(04) Professora Roberta: Diariamente, basicamente quase todos os dias. Quando nos dispomos a contar uma história, precisamos em primeiro lugar conhecer a história, um contador deve memorizar o enredo e reproduzi-lo. Cada contador deve ter sua técnica opcional, uso do violão, fantoches, máscaras; em minha opinião o que chama a atenção numa contação de histórias é a entonação da voz, e a interação com o público (crianças) que faz a diferença.

A professora Roberta, fala de uma questão muito importante “a voz”, a forma como se conta uma história é crucial para prender a atenção das crianças, as múltiplas linguagens, seja verbal ou corporal marcam, tanto quem ouve e assiste. Um adereço, um chapéu, uma vestimenta diferente, tudo isso faz parte do momento. Tem uma visão aberta a respeito das várias formas de se contar um conto partindo da oralidade, sugere instrumentos e fantasias, materiais manipuláveis. “A Literatura pode servir como ponto mágico ao longo percurso a ser realizado por cada um de nós, das histórias de vida que vão se entrecruzar com as histórias coletivas e contar/narrar a história da humanidade” (CAVALCANTE, 2002, p,38).

Dentro dessa perspectiva, esperamos que o narrador conheça o enredo, que seja cauteloso a respeito dos figurinos se optar pela contação de história, ligar a história ao contexto estrutural do cenário, a autora fala de dom, que nem todos são dotados dessa qualidade de fazer o público se inebriar com uma narrativa, porém não desacredita do potencial de quem se habilita a fazer com a melhor intenção possível.

Nos momentos de contação de história, observamos que as crianças “viajam” quando é o momento da contação, um ou outro se dispersa, mas a maioria vibra com o momento. Sentam para ouvir. Notamos um brilho no olhar e uma inquietação para saber de qual conto se trata, até mesmo por eles gostarem de algumas histórias em especial, como; Rapunzel, Menina Bonita do Laço de Fita, A Bela e a Fera, dentre muitas outras histórias, que abordam contextos diferentes, porém, as

crianças se encontram inseridas no contexto da leitura são sensíveis e compreendem e comentam o que diferenciam um conto do outro.

Nisso, vejo então uma pista: pensar o imaginário como um vasto campo de possibilidades, que proporciona, entre tantas coisas, a compreensão e a aceitação de diferentes níveis de percepção da realidade, abrindo-se para sistema participativo, plural, sensível e passivo de outras lógicas. A partir dele e das suas manifestações é possível retornar a matéria humana, e a ressensibilizar o mundo e o ser humano, isso pode ocorrer pelo aconchego oferecido pelas histórias; pelo embalo do acalanto; pelo espírito de amorosidade que flui numa narrativa oral realizada com prazer (BUSATTO, 2011, p. 58).

Quando a autora fala das possibilidades de compreensão, logo vem a mente, a convivência em sala de aula, e a possibilidades de se aprender a ser diferente nas concepções de leituras, desde o início por meio dos contos; entender a realidade e conviver de forma respeitosa com os demais, quando se refere ao mundo, ao ser humano, entendemos que os contos transformam porque internalizam as palavras, e essas transformações acontecem naturalmente e são percebidas por meio da convivência diária com os colegas.

[...] contar história pode ser fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos, devaneando, gatiando até chegar ao imaginário. O coração é um grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. Com o coração, a gente sente e vê com olhos internos as imagens que nos fazem bem. (BUSATTO, 2011, p. 58,59).

Quando a autora fala em fermento para o imaginário, entendemos, a história é como um antídoto, é uma mistura de coisas boas que permeia entre o real e a imaginação, é algo que flui pela mente com significância capaz de criar o mundo relatado nos contos e por momentos significativos. Viajar pelo mundo dos sentidos, nada é palpável, que tudo se vê desenhado na mente e nada pode ser tocado, é só fantasia de quem ouve a história de coração aberto e permite a si mesmo se tele transportar para outro mundo sem sair do lugar, sem sair do chão. Questionamos a professora: **Quais técnicas você usa, e quais os resultados dessa prática?**

(05) Professora Frida: As técnicas que uso é a voz, a expressão corporal, e o livro contextualizando a história com as imagens. Esses são os recursos usados. Os resultados são dos melhores dentro do esperado.

A professora Frida, apropriou-se do uso de algumas das técnicas usadas na hora do conto, enfatiza contextualização com o cenário, e complementa que os resultados dessa prática são bons dentro das perspectivas esperadas por ela. “A leitura nos conduz a possibilidades de nos aproximar dos nossos significantes[...] o simbólico é o espaço onde o mundo se faz pleno de significados”. (CAVALCANTE, 2002, p, 26). Essas possibilidades são de interpretar o mundo de forma diferente. A respeito das técnicas a professora Roberta responde; Uso o livro, mostro imagens, uso na oralidade fantoches, a expressão corporal, as crianças adoram os gestos, as vozes diferentes dos personagens. Penso que antes de nos aventurarmos nessa atividade, devemos, ler a história, conhecê-la, treinar, para depois apresentar aos nossos expectadores para que surta o efeito esperado. Para mim é um desafio gerir essa prática, pois preciso oferecer aos meus alunos um conhecimento diversificado o contar a história deve ser um momento cheio de encantamento e que contemple o imaginário infantil. Ao ler ou contar uma história para uma criança, ela entra no mundo da fantasia e do faz de conta, além de ampliar o vocabulário.

Conforme a professora Roberta, uma história não parte de um improvisado, tudo tem que partir de um planejamento, um objetivo, tem que ter um preparo prévio, para proporcionar esses momentos tem de buscar uma técnica para que o trabalho da contação seja proveitoso, e se consiga os objetivos propostos. Novos conhecimentos, contemplando o imaginário da criança. “A contação de história pede olho no olho, intimidade e cumplicidade com o ouvinte; [...] prioriza-se espaços onde o contador possa estar o mais próximo do ouvinte, propondo, assim, uma comunhão entre quem narra e quem ouve” (BUSATTO, 2011, p. 32). Com isso entendemos, o conto tem uma fórmula mágica, que nos aproxima do mundo da fantasia, dos seres lendários, que só conseguimos vê-los através da imaginação.

Os contos nos dão liberdade para sermos qualquer personagem em qualquer idade, porque não existe faixa etária para ouvir histórias. Ao ouvirmos um conto, cria-se um fascínio particular em cada ouvinte e que nos leva para um mundo de fantasias a porta se abre no momento que ouvimos as primeiras palavras.

Observando os olhares atentos e o brilho no olhar, a identificação com a história ou por um desejo de ser princesa, ou pelo simples fato de aquela história contar suas vivências. Questionamos as professoras sobre os recontos das histórias:

Você costuma pedir que as crianças recontem as histórias? No momento em que as crianças se propõem a recontar a história, você percebe interpretações diferentes que fogem do contexto? Ou há coerência nas falas em relação a história?

(06) Professora Frida: Sim, eu peço pra eles fazerem esse reconto, apesar de não ter saído muito bem porque, todos querem recontar ao mesmo tempo, eles ainda não conseguem entrar em um consenso de um recontar hoje, o outro amanhã, eles querem recontar todo dia, todos ao mesmo tempo, e eu tenho um pouco de dificuldade ainda pra trabalhar isso com eles. Eles têm bastante coerência, eles até trazem algumas falas enriquecedora e não fogem do contexto, tem uma interpretação positiva, elas agregam elementos para a história.

A professora Frida, relata suas observações o que nos chamou a atenção durante os recontos, foi às interpretações das crianças sobre as narrativas, é a riqueza que elas trazem para os textos na oralidade e com muita coerência. Grandes exemplos são dos contos de fadas que elas sempre agregam algo mais ao contexto da história e não fogem da conexão, textos e personagens, são palavras enriquecedoras deixam o texto mais bonito.

Quando a professora fala de enriquecer os textos com novas palavras, remete a esse fascínio, envolvendo o imaginário, surtidos pela pré-disposição de recontar um conto de maneira única e cheia de expectativas e fantasias fluindo do imaginário. Sobre essa questão a professora Roberta responde que;

(07) Professora Roberta: sim, sempre que termina de contar a história eles já querem o livro para fazer o reconto. É um momento oportuno para observar o que compreenderam e também descobrir dicas da vida das crianças, pois as vezes elas interpretam algum personagem como alguém da família ou até mesmo imitando a maneira como contamos a história para elas. Bom, eles recontam do jeito deles, mas

com o contexto da história, não vão...eles não inventam, eles têm coerência, eles recontam com outras palavras a mesma história.

A fala da professora Roberta relata nessa resposta as vivências que tivemos durante essa pesquisa, reforçando a ideia de um episódio ocorrido durante as observações, sobre a interpretação de uma criança após ouvir a história Menina Bonita do Laço de Fita. No momento do reconto, a fala da criança, referiu-se a liberdade dos coelhos que compunham o cenário da história. Dito, enquanto interpretação da criança, de ter organizado todo o painel pedagógico com os coelhos, a criança, após terminar de recontar a história, retirou os coelhos que compunham o cenário que estava preso pelo velcro no painel e os libertou segundo sua imaginação. O texto permitiu mais de uma leitura. O foco principal do trabalho era o preconceito étnico.

O significado daqueles coelhos grudados com velcro, presos durante o reconto, nos fez refletir sobre como a criança leu a obra, experiências de vida ou quais conhecimentos ela agrega sobre estar preso. Enquanto educadores, devemos ter atenção para cada detalhe dito ou não dito pelas crianças. São as leituras explícitas e implícitas, que proporcionam as crianças novas experiências de um mundo real por meio do mundo da imaginação, fazendo um comparativo enquanto aprendizado. Uma mesma história, pode apresentar diferentes temas geradores, os quais podemos perfeitamente organizar sequências didáticas e trabalharmos a interdisciplinaridade. Focando a natureza, as frutas, os animais, família, ambientes, cores, questões raciais, enfim, um leque de possibilidades se abre por meio de um conto, como a história “Menina bonita do laço de fita”, para aquela criança significou algo que a fez se sentir melhor com a “libertação dos coelhos no velcro” alcançada ao final da história.

Observamos também que as histórias são mais usadas como proposta didática, quando se aproxima alguma data especial, a fim de apontar a data cívica, mas o texto literário é muito mais. Nesse caso, a história foi programada pela professora para trabalhar as discriminações étnicas, buscando a participação de todos a se envolverem no conto e no reconto da história, pois a história Menina Bonita do Laço de Fita, é uma obra que permite trabalhar essas questões, com cautela mostraremos as diferenças e o respeito a elas claramente. Em situações vividas no cotidiano infantil. E a professora complementa Percebo que na

atualidade, a qual nos encontramos, um grande percentual das crianças, não brincam mais na rua, nem tomam banho de chuva, estão centradas aos meios de comunicação e eletrônicos, não tem as vivências lúdicas com seus familiares e os amigos são poucos, por essa razão a contação de histórias deve fazer parte da rotina na educação das nossas crianças. A contação de história além de incentivar a aprender a ler, ajuda a desenvolver a fala da criança.

Conforme a professora Roberta, vemos que os objetivos de trabalhar com a contação de histórias e proporcionar o recontam, traz um referencial conhecido por ela, no contexto do cotidiano das crianças, e leva em consideração resgatar vivências que tornem o aprendizado gostoso e significativo, tais como, a interação com os amigos em momentos simples, momentos que podem acontecer debaixo de uma árvore ou em cima de um tatame em uma roda de conversa.

Quando a professora fala em educar as crianças e que a contação de história desenvolve várias habilidades, logo imaginamos. “É preciso entender que a oralidade não despreza a escrita, mas uma forma enriquece a outra, portanto a leitura deve seguir tanto mais plural possível” (CAVALCANTE, 2002, p. 32). Pelo viés da magia dos contos, podemos trabalhar dentro da interdisciplinaridade, porque é possível explorar várias áreas do conhecimento.

As narrativas são repletas de palavras que podem ser temas geradores para muito aprendizado, “Ora, ninguém mais do que a criança para estar tão perto dessas origens primordiais que falam de sentimentos de interação com o todo e com a infinita necessidade de uma ligação e busca de identificação com todos os elementos que nos separam na natureza e nos aproxima do evento cultura” (CAVALCANTE, 2004, p. 43). Ou seja, nos momentos de reconto as crianças se identificam com o conto, no ato de um reconto há uma cultura sendo trabalhada mediada por um profissional, com uma intencionalidade para que haja aprendizado por meio de uma identificação com a história, “a criança iniciada no mundo da leitura pelo viés do conto de fadas tem grande possibilidade de tornar-se alguém com capacidade criativa e sensibilidade para o estético, portanto, de se acolher dentro das diversidades e antagonismos que refletem o *modus vivendi* do sujeito humano” (CAVALCANTE, 2004, p. 43).

Sobre a importância da contação de história na EMEI, na percepção da professora os momentos oportunizados pela contação de história contribuíram para

ela adquirir novos conhecimentos, o que representou dentro de sala de aula uma nova postura frente aos novos desafios característicos da fase em que as crianças se encontram. A troca de experiências e conhecimentos proporcionaram, novas estratégias e a motivou buscar novos conhecimentos. Referentes a contação de história, novas técnicas, estudos a respeito de como se portar diante de novos desafios.

5 CONCLUSÃO

Os contos proporcionam o desenvolvimento da criança dentro das suas capacidades intelectuais e psicomotoras, estimula as boas relações e convívio entre os colegas, e juntos se encantam e aprendem coisas novas, sem o tradicionalismo que na maioria das vezes se faz presente nas salas de aula.

A contação de história causa proximidade da criança com o educador, abre possibilidades para novos diálogos, por meio da oralidade se constrói confiança entre aluno e professor. Contar história é entrega, demonstração de carinho com o outro que te ouve, as palavras quando ditas sem emoção não causam nenhum efeito a não ser o simples esquecimento. Porém, quando ditas com singelo apreço e amorosidade, causam no ouvinte seja adulto, seja criança, o despertar do quero mais, a instigação do querer conhecer, e parte daí o gosto pela leitura para tentar por si só desvendar as entrelinhas que registram as histórias. Que afloram novas percepções de mundo, pois constituem elementos capazes de auxiliar nas relações e convivências sociais, contribui para que as crianças também sejam futuras leitoras assíduas dos contos.

As narrativas são relatos significativos que contribuem para a formação das crianças enquanto seres humanos, e enquanto formação pessoal, elas nascem em forma de palavras, das gravuras nos livros, e transita pelo imaginário de quem ouve despertando sentimentos e desejos de realização, relatando vivências, afetividade, e propostas a serem trabalhadas dentro do contexto familiar, proporcionando melhor o convívio do dia a dia nas interações das crianças, essas narrativas são contribuintes na formação de novos leitores, auxiliam nas interações sociais, proporcionam aos professores opções diversas para trabalhar vários assuntos em sala de aula, bem como fortalecer os vínculos afetivos e o respeito entre as crianças.

THE ACCOUNTING OF HISTORY AS A PEDAGOGICAL PRACTICE IN CHILD EDUCATION

ABSTRACT²

This article presents results of the research carried out at a Municipal School of Pre - primary Education in Sinop / Mato Grosso. The purpose of this study was to verify the contribution that the oral narratives bring as support for the pedagogical practice with children of 5 and 6 years of age from the views of the two teachers and the children participating in this research. Oral history, data collection, observation and interviews were used. Within the theorists stand out: Cléo Busatto, Beth Coelho, Edvânia Braz Teixeira Rodrigues, as theoretical reference.

Keywords: Early Childhood. Education. Storytelling. Pedagogical Practice.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997

BUSATO, Cléo, **Contar e encantar**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARDOSO, Roberta. **Roberta Cardoso**: depoimento [junho. 2017]. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso sobre A contação de história como prática pedagógica na Educação Infantil.

CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001.

LUTERO, Frida. **Frida Lutero**: depoimento [junho. 2017]. Entrevistadora Elenilde Nascimento Santos. Sinop Unemat, 2017. Entrevista concedida para o trabalho de

² Resumo traduzido pela professora Angela Cristina Cassiano Campos, graduada em Letras pela Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop, 2003/1.

conclusão de curso sobre A contação de história como prática pedagógica na Educação Infantil.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia: Gwaya, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

Correspondência:

Elenilde Nascimento Santos. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail lenanascimentosnp@gmail.com

Recebido em: 17 de novembro de 2017.

Aprovado em: 05 de dezembro de 2017.